

# PRODUÇÃO DE UM EPISÓDIO DE *PODCAST* COM O USO DA INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL VIA OFICINA DE MULTILETRAMENTOS

*Débora Praxedes*<sup>1</sup>  
*Glicia Azevedo*<sup>2</sup>  
*Rômulo Albuquerque*<sup>3</sup>

**RESUMO:** Os avanços tecnológicos da contemporaneidade vêm transformando práticas sociais de diferentes esferas de atividade humana. Assim, a cultura digital, impulsionada pela popularização da internet, exige a reinvenção também de práticas escolares, e isso pode ser viabilizado pela mobilização de práticas de multiletramentos, inclusive o uso da Inteligência Artificial (IA). Partindo desse pressuposto, neste artigo, objetivamos analisar o processo de construção de um episódio de *podcast* com o uso da IA via oficina de multiletramentos. Essa construção se desenvolveu com base em um questionamento que vem ecoando nas mídias e também em algumas salas de aula: “com o uso da IA em atividades escolares, os estudantes tendem a diminuir seu potencial crítico e criativo?”. Para responder a isso, desenvolvemos um estudo exploratório, de natureza qualitativa e interpretativista, de um recorte de dados de uma pesquisa doutoral (em desenvolvimento) que se fundamenta teórico-metodologicamente na Linguística

---

1 Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem (PPgEL) da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Natal-RN. E-mail: debora.praxedes.010@ufrn.edu.br.

2 Doutora em Linguística Aplicada pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Campinas-SP. Docente na Universidade Federal do Rio Grande do Norte (Brasil). Natal-RN. E-mail: glicia.azevedo@ufrn.br.

3 Mestrando do Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem (PPgEL) da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Natal-RN. E-mail: romulo.albuquerque.080@ufrn.edu.br.

Aplicada, nos estudos de letramento de vertente sociocultural, na Pedagogia de Multiletramentos e no ensino de argumentação como prática social emancipadora. Os resultados sinalizam que, no processo de construção desse episódio, as estudantes-autoras não apenas se apropriam de multiletramentos correlacionados às competências da cultural digital e da argumentação como também usam, de forma crítica e criativa, a IA para comprovar que a inteligência humana a ela se sobrepõe. Disso decorre que, diferentemente do que se ouve no senso comum, a IA pode configurar-se como um artefato multimidiático relevante para o desenvolvimento de práticas escolares mais condizentes com o que vivenciamos para além da escola.

**Palavras-chave:** *Podcast*. Inteligência Artificial. Oficina de multiletramentos. Argumentação.

## Considerações iniciais

A evolução tecnológica vem transformando a sociedade contemporânea. Com efeito, a interconexão entre a tecnologia digital e o fenômeno da globalização impulsiona o desenvolvimento de novas experiências perante as redes sociais e as plataformas de *streaming* e de Inteligência Artificial (IA), por exemplo. Tais experiências não só viabilizam a comunicação instantânea entre indivíduos como também moldam percepções, influenciam opiniões e podem contribuir para um ambiente digital mais participativo.

Diante desse cenário, a esfera escolar também precisa se reinventar. Essa reinvenção de práticas escolares requer que o foco da escola deixe de enfatizar o conteúdo curricular para incorporar a práxis social. Fundamentadas nela, mobilizam-se competências e ativam-se habilidades em função de um objetivo escolhido pela comunidade de aprendizagem<sup>4</sup> (AFONSO, 2001) para agir coletiva e colaborativamente, manejando diferentes linguagens.

---

4 Segundo Afonso (2001, p. 429): “[...] as comunidades de aprendizagem constituem um ambiente intelectual, social, cultural e psicológico, que [...] sustenta a aprendizagem, enquanto promove a interação, a colaboração e a construção de um sentimento de pertença entre os membros.”

Para contribuir com esse processo de reinvenção com foco nas linguagens, neste artigo, objetivamos analisar o processo de construção de um episódio de *podcast* com o uso da IA via oficina de multiletramentos com um recorte de dados de uma pesquisa de doutorado (em desenvolvimento<sup>5</sup>). Nessa oficina, quatro estudantes de nono ano da Escola Municipal Professor Manoel Assis, do município de Mossoró, cidade norte-rio-grandense, orientadas pelos professores-pesquisadores e autores deste artigo, planejaram, produziram, editaram e publicaram, com o uso de IA, o episódio em que responderam a um questionamento muito atual tanto nas mídias sociais quanto no meio educacional: “com o uso de IA em atividades escolares, os estudantes tendem a diminuir seu potencial crítico e criativo?”.

Do processo que culminou nesse episódio, empreendemos uma análise ancorada na Linguística Aplicada, nos estudos de letramento de vertente sociocultural, na Pedagogia de Multiletramentos e nos estudos sobre o ensino de argumentação como prática social emancipadora.

Do ponto de vista estrutural, além dessas considerações iniciais, este artigo se organiza em mais quatro seções: (i) apresentação dos pressupostos teórico-metodológicos; (ii) contextualização da oficina de multiletramentos; (iii) análise do recorte de dados; (iv) considerações finais.

## Multiletramentos e uso de IA em um episódio de *podcast*

A IA não é um fenômeno recente. Seu surgimento formal ocorreu na década de 1950, período em que o matemático e cientista da computação Alan Turing trouxe importantes contribuições sobre as relações entre o homem e a máquina. No artigo

---

5 O Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade Federal do Rio Grande do Norte aprovou a realização dessa pesquisa por meio do Certificado de Apresentação para Apreciação Ética nº 67949723.7.0000.5537, de maio de 2023.

“Máquinas de computação e inteligência”, publicado em outubro de 1950, Turing provoca o leitor com uma indagação: “As máquinas podem pensar?”. Para responder a essa pergunta, ele cria o “Teste de Turing”, que objetiva avaliar se um computador pode ser considerado “inteligente” caso ele consiga conversar por escrito com um humano sem que este perceba que está interagindo com uma máquina. Esse teste introduz uma reflexão muito à frente de seu tempo. Nas palavras do autor: “[...] só conseguimos enxergar uma curta distância à frente, mas vemos que muita coisa precisa ser feita” (TURING, 1950, p. 460).

Esse prognóstico de Turing se confirmou. Cinco anos depois, em 1955, inicia-se o Projeto de Pesquisa de Verão de *Dartmouth*, nos Estados Unidos. Decorreu desse projeto um *workshop* de oito semanas, que foi considerado o evento fundador da IA como campo de estudo. Nele, os cientistas John McCarthy, Marvin Minsky, Nathaniel Rochester e Claude Shannon publicaram um texto que cunha o termo e funda a área da IA (MCCARTHY, *et al.*, 1955).

Isso posto, enfatizamos que, mesmo cientes de a IA ser um vasto campo de estudo que, há décadas, vem sendo aprimorado, dado o escopo deste artigo, nosso foco se restringirá à concepção de IA como “[...] qualquer sistema computacional que simula a inteligência humana para operar sites, apps, robôs e outros ambientes ou equipamentos programáveis” (OCHS, 2024, p. 10). Isso se justifica porque as grandes celeumas atuais não se voltam para a IA como campo de conhecimento científico, mas para os usos da IA nas atividades cotidianas. De fato, a popularização de algumas IA, como o *ChatGPT*, evidenciou muitas preocupações sobre as consequências do uso dos Grandes Modelos de Linguagem ou *Large Language Models* (LLM), sistema que viabiliza o funcionamento da IA.

Porém, a desinformação e a falta de fundamentação crítica sobre o uso desses modelos podem abrir espaço para falsos pressupostos e prognósticos que tendem a não se confirmar. Há quem afirme, por exemplo, que, com a ampliação do uso da IA, o

pensamento crítico e criativo dos seres humanos será substituído pela lógica do pensamento computacional. Outros asseveram que robôs agregados à IA substituirão a mão de obra humana. Há até quem tenha receio da submissão humana diante dos avanços da IA, em uma clara intersecção entre os limites do mundo real e os da ficcionalidade.

Embora ainda não haja dados de pesquisas que possam caracterizar essas afirmações como falsos prognósticos, defendemos que uma análise ponderada dos usos de tecnologias na educação pode evidenciar que, na história da humanidade, a colaboração entre humanos e máquinas tem sido a regra (SIGNORINI, 2023). Sendo assim, a tendência é que essa interação colaborativa entre a inteligência humana (IH) e inteligência artificial (IA) se amplie e impactos favoráveis se sobreponham a possíveis desfavoráveis.

Para desenvolver uma análise ponderada sobre essa relação entre IH e IA, ancoramo-nos em princípios de quatro campos de conhecimento: (i) a linguística aplicada; (ii) os estudos de letramento de vertente sociocultural; (iii) a pedagogia de multiletramentos; (iv) o ensino de argumentação como prática social emancipadora.

Da Linguística Aplicada (LA), trazemos a perspectiva transdisciplinar. Conforme Moita Lopes (2004), a LA atravessa diversas áreas do conhecimento com o objetivo de compreender fenômenos complexos relacionados com um objeto específico. Esse enfoque transdisciplinar nos permite atravessar o conceito de inteligência artificial, próprio das Ciências da Computação, pelas áreas da Educação e da LA e, mais especificamente, de ensino de argumentação, para pensar na sobreposição ou na subserviência da IH diante da ampliação dos usos da IA na esfera escolar. Compreendemos que, ao atravessar esses campos de conhecimento, podemos alcançar uma visão mais holística e robusta do fenômeno estudado.

Para que possamos analisar a complexidade desse fenômeno, temos de lidar com a práxis, e isso nos leva aos estudos de letramento de vertente sociocultural, que também visam ao estabelecimento de “[...] combinações com áreas do conhecimento que favoreçam uma compreensão sócio-histórica da prática social” (KLEIMAN; DE GRANDE, 2015). Disso decorre que a escola atual precisa atender aos interesses da sociedade conectada em que vivemos. Nesse sentido, o “[...] letramento escolar grafocêntrico, mesmo sendo importante, não é suficiente para dar conta das mudanças constantes, sobretudo tecnológicas, que ocorrem tanto local quanto globalmente” (PINHEIRO, 2016, p. 525).

Alinhada a essa perspectiva está a pedagogia de multiletramentos (COPE; KALANTIZIS, 2000), que considera a multiplicidade de modos de linguagem e dos meios de comunicação no mundo contemporâneo. Isso implica reconhecer que estamos “mergulhados” em uma considerável diversidade cultural que abrange a complexidade de textos orais, escritos, multimodais, que associam diferentes semioses na construção de “novos” produtos em atendimento às funcionalidades das tecnologias atuais. Contudo, os estudantes não estão alheios a isso. Eles estão igualmente “mergulhados”, embora nem sempre estejam preparados para o uso crítico e criativo dessa diversidade.

Ademais, da pedagogia de multiletramentos, utilizamos os componentes que integram os movimentos (não lineares): (i) prática situada; (ii) instrução explícita; (iii) enquadramento crítico; (iv) e prática transformada. Segundo Pinheiro (2016), a “prática situada” envolve experiências e significados em contextos reais, priorizando-se os *designs*<sup>6</sup> criados por educandos e/ou educadores posicionados

---

6 “[...] *available designs* é aquilo que é disponibilizado pelas formas de representação, os recursos do contexto, da cultura e das convenções. O *designing* se caracteriza pela capacidade de desenvolver e transformar um conteúdo conhecido para dele se apropriar convenientemente. O *redesigned*, por sua vez, realiza-se por meio do que pode ser reorganizado pelo sujeito e reconfigurado para o seu mundo, abarcando, por assim dizer, a própria ação durante o processo de

dentro e a partir desses contextos. Na “instrução explícita”, a ênfase recai sobre a metalinguagem utilizada em situações específicas de aprendizagem para sistematizar uma compreensão analítica e consciente, com destaque para a explicitação de diferentes modos de significação. O “enquadramento crítico”, por sua vez, parte dos *designs* desenvolvidos para aplicar a leitura crítica e consciente da composição política e ideológica desses *designs*. Por fim, a “prática transformada” torna explícita a construção de um novo sentido por meio da recriação de significados com intervenções inovadoras em diferentes *situacionalidades*.

Esses movimentos se coadunam com o trabalho viabilizado por oficinas de letramento: “[...] um dispositivo didático em que se tem por objetivo desenvolver atividades práticas que envolvem usos da escrita” (SANTOS-MARQUES; KLEIMAN, 2019, p. 25). Todavia, para contemplar a diversidade MULTImodal, MULTIcontextual, MULTIssemiótica e MULTImidiática dos dados que trazemos à análise neste artigo, optamos por “oficina de multiletramentos” (SILVA, 2023). Concordamos com esse autor sobre o fato de que a inserção do prefixo “multi” ao conceito de Santos-Marques e Kleiman (2019) oferece maior visibilidade às práticas de linguagem exigidas na cultura digital<sup>7</sup>, contexto do qual advêm os dados analisados neste artigo.

É também no propósito de privilegiar a prática social em que permeiam as tecnologias digitais que acionamos o ensino de argumentação como prática social emancipadora. Nele, defende-se uma abordagem focada na “vivência” da argumentação

---

construção de significados.” (PINHEIRO, 2016, p. 526).

7 Esse mesmo raciocínio nos leva ao conceito de “práticas de multiletramentos” (OLIVEIRA; SZUNDY, 2014). Com efeito, a diversidade contemporânea de práticas de linguagens tende a integrar diferentes semioses (palavras orais, escritas, imagens, vídeos, GIFs, QR Codes, entre outras) e tecnologias digitais em textos multimodais e multiculturais que ressignificam a concepção tradicional de escrita. Entendemos, portanto, que o conceito de “práticas de multiletramentos” encapsula melhor a vasta variedade de formas de comunicação e de representação que caracterizam o contexto sócio-histórico e tecnológico em que vivemos.

(AZEVEDO; TINOCO, 2019), cujos eixos são: criticidade, reflexividade e dialogicidade (AZEVEDO; PIRIS, 2023). Logo, essa perspectiva de ensino de argumentação se concretiza por meio de práticas que incentivem a interação, a reflexão, a promoção do pensamento crítico, ou seja, a vivência da argumentação, e não a simulação dela, tampouco se restringe ao exercício analítico de identificação dos elementos centrais do texto argumentativo, por exemplo. Assim, o ensino de argumentação como prática social emancipadora tem como ponto central a argumentação com vistas a mudanças sociais, dentro de um “processo de ensinar e aprender para agir socialmente” (ARAÚJO; AZEVEDO; MORAIS, 2023, p. 104).

Para vivenciar a argumentação, o confronto se faz necessário. Na interação, existe o confronto entre pontos de vista divergentes sobre um assunto que é posto em questão<sup>8</sup>. Segundo Grácio (2022), na incerteza do confronto, os estudantes aprendem a lidar com novas situações, a posicionar-se, a fortalecer opiniões, a refutar o argumento do opositor e, até, a negociar algum consenso. Conforme veremos na análise de dados, essas e outras habilidades são ativadas ao longo de diferentes ações, que, desenvolvidas coletiva e colaborativamente, oferecem subsídios para que os participantes dela saiam mais experientes quanto à competência que a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) denomina de Competência Geral 7 (CG7) – Argumentação (BRASIL, 2018).

## Contextualização da oficina de multiletramentos

A oficina de multiletramentos para produção do episódio de *podcast* foi realizada em formato híbrido, utilizando o artefato

---

8 Segundo Azevedo et al. (2023), o conceito “assunto em questão” reúne alguns fatores essenciais: i) escolha de um tema ou de uma situação que possa desencadear diferentes perspectivas e que esteja dentro dos interesses dos estudantes; ii) exposição de diferentes posicionamentos para a construção da interação argumentativa; iii) confrontação de posicionamentos com argumentos favoráveis e/ou contrários.

multimidiático de videoconferência *Google Meet*. Inicialmente, os professores-pesquisadores propuseram uma produção de um episódio de *podcast* com a colaboração das IA *ChatGPT*<sup>9</sup> e *Narakeet*<sup>10</sup> com base no assunto em questão: “com o uso da IA em atividades escolares, os estudantes tendem a diminuir seu potencial crítico e criativo?”. Para responder a isso, as estudantes tiveram de: (i) planejar um roteiro com a ajuda do *ChatGPT*; (ii) desenvolver *prompts* que gerassem um roteiro adequado para responder ao assunto em questão; (iii) reescrever o roteiro no *Google Docs* até chegarem a uma versão que considerassem adequada; (iii) gravar as vozes das IA (LIA e MarIA) no *Narakeet*; (iv) gravar as próprias vozes no *Spotify for Podcasters*<sup>11</sup>; (v) editar o episódio na plataforma *Spotify for Podcasters*, unindo todas as vozes e adicionando a trilha sonora complementar; (vi) publicar esse episódio especial no canal ArgumentAÇÃO para emancipAÇÃO, no *Spotify*; (vii) acompanhar a interação pós-publicação.

É interessante ressaltar que, nesse cenário de, pelo menos, sete práticas de multiletramentos, as quatro estudantes tomaram uma decisão inusitada: usar a IA não só para produzir o roteiro do episódio mas também para produzir as vozes de LIA e MarIA, que integram esse episódio como participantes. Usando a IA denominada *Narakeet*, as quatro estudantes criaram “LIA” e “MarIA” para, em cooperAÇÃO, gerarem a cadeia argumentativa pela qual trataram do assunto em questão. Dessa decisão, subjaz uma perspectiva metalinguística, conforme veremos na seção de análise. Para explicitar a estruturação dessa oficina, apresentamos o Quadro 1.

---

9 O *ChatGPT* está disponível em: <https://chat.openai.com/>. Acesso em 27 jun. 2024.

10 O *Narakeet* está disponível em: <https://www.narakeet.com/>. Acesso em 27 jun. 2024.

11 O *Spotify for Podcasters* está disponível em: <https://podcasters.spotify.com/>. Acesso em 27 jun. 2024.

## Quadro 1 – Procedimentos metodológicos da oficina de multiletramentos

EVENTO(S)	PROCEDIMENTO(S)	INSTRUMENTO(S)	ARTEFATO(S) MULTIMIDIÁTICO(S)
15/04/2024	Roda de conversa sobre o assunto em questão	Roda de conversa a partir do compartilhamento de um material didático	Canva ChatGPT Narakeet Spotify for Podcasters
	Apresentação e orientação acerca dos artefatos multimidiáticos		
	<b>Produção do roteiro do <i>podcast</i></b>	Orientações para produção dos <i>prompts</i> e do roteiro	Google Drive/Google Docs ChatGPT
18/04/2024	Revisão do roteiro do <i>podcast</i>	Orientações para reescrita do roteiro	Google Docs
	<b>Realização das gravações</b>	Gravação em áudio Fotografias	Narakeet Spotify for podcasters
	<b>Edição e compartilhamento</b>	Observação participante Gravação em áudio Fotografias	Spotify for podcasters

Fonte: elaboração própria.

Conforme podemos observar no Quadro 1, a oficina de multiletramentos foi desenvolvida em dois eventos e composta de seis procedimentos metodológicos: três em cada evento. Dada a brevidade deste artigo, selecionamos três procedimentos como recorte para a análise de dados, quais sejam: (i) produção do roteiro do episódio de *podcast*; (ii) realização das gravações; (iii) edição e compartilhamento. A seleção desses procedimentos se justifica por apresentarem uma diversidade de práticas de multiletramentos desenvolvidas pelas estudantes na produção do episódio, bem como indícios do processo autoral delas.

## Análise das práticas da oficina de multiletramentos

A produção do roteiro do episódio de *podcast* em análise requereu o uso do *ChatGPT*. Para isso, uma primeira instrução explícita foi direcionada à produção de *prompts*, ou seja, como elaborar comandos que são usados na IA para a geração de textos. Ocorre que nem sempre o primeiro *prompt* gera resultados satisfatórios. Na experiência das estudantes, foi necessária a produção de três *prompts* (conforme se vê no quadro 2) até que alcançassem um roteiro que atendesse, ao menos parcialmente, aos seus interesses.

Quadro 2 – *Prompts* produzidos no *ChatGPT*

1ª VERSÃO DO PROMPT	2ª VERSÃO DO PROMPT	3ª VERSÃO DO PROMPT
<p>Crie um roteiro para um <i>podcast</i> que trabalhe conceitos da argumentação através das duas teses: (i) escrita é representação do pensamento. Logo, atividade crítica e criativa é resultado da inteligência humana, e não da IA. (falso pressuposto); (ii) atividade crítica e criativa pode ser mais produtiva juntando as inteligências humanas e artificiais.</p>	<p>Crie um roteiro para um <i>podcast</i> em português que trabalhe argumentação através das duas teses: (i) escrita é representação do pensamento. Logo, atividade crítica e criativa é resultado da inteligência humana, e não da IA. (falso pressuposto); (ii) atividade crítica e criativa pode ser mais produtiva juntando as inteligências humanas e artificiais. Além disso, siga a estrutura a seguir: Fala de abertura Contextualização + Apresentação da polêmica Apresentador/podcaster: reintrodução da pauta e direcionamento da polêmica aos convidados. Convidados: opinião resumida - apresentação da tese - cada convidado Aprofundar a argumentação: opinião argumentada de forma mais aprofundada por cada convidado Fechamento com ratificação do raciocínio em compreendido Fala de encerramento-despedida.</p>	<p>Crie um roteiro para um <i>podcast</i> em português que trabalhe argumentação através das duas teses: (i) escrita é representação do pensamento. Logo, atividade crítica e criativa é resultado da inteligência humana, e não da IA. (falso pressuposto); (ii) atividade crítica e criativa pode ser mais produtiva juntando as inteligências humanas e artificiais. Além disso, no roteiro, siga a estrutura a seguir: (i) fala de abertura; (ii) contextualização e apresentação da polêmica; (iii) apresentador/podcaster: reintrodução da pauta e direcionamento da polêmica aos convidados; (iv) solicitou: opinião resumida e apresentação da tese; (v) aprofundar a argumentação: opinião argumentada de forma mais aprofundada por cada convidado; (vi) fechamento com ratificação do raciocínio em compreendido; (vii) fala de encerramento e despedida.</p>

Fonte: elaboração própria.

A aplicação do primeiro *prompt* não gerou um roteiro adequado: trouxe apenas uma seleção de tópicos, não havendo informações para o desenvolvimento das falas dentro da estruturação planejada. Os movimentos retóricos planejados para o roteiro desse episódio de *podcast* argumentativo foram: (i) fala de abertura; (ii) contextualização do assunto em questão; (iii) direcionamento do assunto em questão às convidadas; (iv) síntese do ponto de vista de cada convidada; (v) desenvolvimento de argumentos para a sustentação das teses apresentadas; (vi) fechamento da argumentação; (vii) fala de encerramento e despedida.

O segundo *prompt*, por sua vez, também não supriu a demanda. Ele gerou parágrafos atomizados, ou seja, cada parágrafo continha uma ideia que “orbitava” em torno do assunto em questão, mas não havia, entre eles, progressão discursiva que os unisse em torno dos objetivos do roteiro: debater sobre o uso da IA em atividades escolares e responder à pergunta que motivou sua produção. Assim, foi necessário mais um exercício de aprimoramento do *prompt*.

O terceiro *prompt*, por apresentar topicalização mais explícita, conforme se comprova pela inserção de sete sinalizadores sequenciais, “(i)...; (ii)...; (vii)...” (ver quadro 2), gerou um roteiro que atendeu parcialmente aos interesses das autoras. Isso se justifica pela apresentação dos movimentos retóricos anteriormente selecionados.

Esse processo de paulatino refinamento do comando representa uma prática conhecida como “engenharia de *prompt*”. Essa prática se caracteriza pela busca por aprimorar um *prompt* até que ele atenda às necessidades do que se quer produzir. No caso em tela, um roteiro de episódio de *podcast*. Desenvolver *prompts* é uma habilidade que associamos à Competência Geral da Cultura Digital (CG5), segundo a BNCC, embora ainda não esteja listada nesse documento (BRASIL, 2018).

A obtenção do roteiro via *ChatGPT*, porém, não finalizou o processo. Para responder à pergunta do episódio em questão, as

autoras viram a necessidade de reescrevê-lo. No processo de (re) escrita colaborativa, foi utilizado o *Google Drive* como plataforma para armazenar o *Google Docs* trabalhado. Nesse espaço multimidiático do Google, o roteiro passou por duas versões até chegar a uma terceira, a produção final.

No Quadro 3, há um recorte do roteiro gerado pela IA e do reescrito pelas autoras. Desse recorte, analisaremos duas mudanças feitas pelas autoras: (i) construção da interação entre IH e IA; (ii) desenvolvimento da progressão discursiva.

Quadro 3 – Trecho IV – Apresentação da tese

<p>ChatGPT IV – Apresentação da tese Convidado 1: “Eu acredito que a escrita é intrinsecamente humana e que a IA, apesar de suas habilidades, ainda não pode replicar verdadeiramente a criatividade humana.” Convidado 2: “Por outro lado, acredito que a IA pode ser uma ferramenta poderosa para impulsionar a criatividade humana. Ela pode oferecer insights e sugestões que nunca teríamos considerado por conta própria.”</p>	<p>Reescrita (produção final) IV – Apresentação da tese (Convidada 1): Nós pensamos que a utilização exagerada de inteligência artificial dentro de sala de aula é prejudicial para o desenvolvimento do aluno e que a mesma não pode substituir o pensamento humano, somente auxiliar uma produção. (Convidada 2): Isso mesmo! Lívia, a IA em sala de aula pode diminuir sim o potencial criativo e crítico dos alunos. (Convidada 3): Por outro lado, eu e minha amiga MarIA pensamos que a IA pode ser uma ferramenta poderosa para impulsionar a criatividade humana. Ela pode oferecer insights e sugestões que nunca teríamos considerado por conta própria. (Convidada 4 - IA MarIA): Concordo com você, Julia! A Inteligência Artificial na escola, além de impulsionar a criatividade, pode aumentar o engajamento e a compreensão dos alunos e, consequentemente, a criticidade dos mesmos. (Apresentadora/Estudante): Ok, meninas! Já percebemos o ponto de vista divergente de vocês sobre essa polêmica. Teremos uma discussão bem bacana aqui, num é, LIA?!</p> <p>(Apresentadora - IA LIA): Verdade, Ceci! É interessante escutar as diversas visões sobre um assunto tão polêmico. Vamos aprender cada vez mais!</p>
--	--

Fonte: elaboração própria

No lado esquerdo do Quadro 3, há um trecho do roteiro gerado pelo terceiro *prompt* enviado ao *ChatGPT*; do lado direito, há o trecho correspondente na versão reescrita pelas autoras. Entre eles, uma primeira mudança é a construção da interação. Atendendo à ideia do confronto, necessário para desenvolver a argumentação (CG7) em foco, o *ChatGPT* propõe teses opostas, que, textualizadas pela subjetividade excessiva, haja vista o uso da primeira pessoa do singular e de um verbo que denota crença pessoal (“Eu acredito que [...] a IA [...] não pode”; “[...] acredito que a IA [...] pode [...]”), não apresentam marcas de diálogo entre si. Na reescrita, porém, as estudantes explicitam teses opostas, mas optam pelo controle da subjetividade (“Nós”), pela escolha de um verbo que expressa raciocínio lógico e plausível (“pensamos”) e pela inserção de marcas de diálogo (“Lívia, a IA [...] pode diminuir [...]”; “Por outro lado, eu e minha amiga MarIA pensamos que a IA pode ser uma ferramenta [...]”). Essas opções fortalecem a cadeia argumentativa, tornando-a mais convincente.

A inserção do diálogo também é estratégica. Marcado por expressões valorativas (“Concordo com você, Julia!”, “Ok, meninas!”, “[...] num é, LIA?!”, “Verdade, Ceci!”), o diálogo gera progressão discursiva ao roteiro e verossimilhança na interação entre IH e IA. Interessante observar que, embora haja teses em disputa, na fala de LIA, fica explícita a abertura para a reflexão, e, portanto, a tendência não é polarizar, mas “[...] escutar as diversas visões sobre um assunto tão polêmico” com um objetivo (compartilhado entre IH e IA) de “[...] aprender cada vez mais”.

Com efeito, a ideia das quatro estudantes de trazer para a interação duas IA denota uma estratégia “metalinguística”, uma vez que, com isso, elas (as humanas) comprovam um uso criativo da IA dentro do próprio episódio. Destacamos, por oportuno, que o posicionamento de cada IA também é estratégico: LIA é apresentadora em parceria com uma das estudantes; MarIA é debatedora, alinhada ao posicionamento de outra estudante, e contrária ao das outras duas.

Nessa interação, as estudantes e as IA conseguem ativar diferentes habilidades da CG7, quais sejam: (i) formular teses que se opõem (“Nós pensamos que a utilização [...] de inteligência artificial dentro de sala de aula é prejudicial [...]” *versus* “[...] pensamos que a IA pode ser uma ferramenta poderosa para impulsionar a criatividade humana”); (ii) perceber o confronto (“Já percebemos o ponto de vista divergente de vocês sobre essa polêmica”); (iii) defender suas teses com argumentos plausíveis com vistas a (iv) negociar sentidos e, quem sabe, (v) chegar a um consenso, conforme veremos adiante. Na contenda desenvolvida nesse episódio de *podcast*, que tese é a vencedora? Vejamos o Quadro 4.

Quadro 4 – Trecho VI – Fechamento da argumentação

<p>ChatGPT                  VI – Fechamento da argumentação                  Apresentador: “Fica claro que a relação entre inteligência humana e artificial é complexa, mas também cheia de potencial. A escrita pode ser vista como uma manifestação da mente humana, mas também como um campo em que a colaboração com IA pode gerar resultados surpreendentes.”</p>	<p>Reescrita (produção final)                  VI – Fechamento da argumentação                  (Apresentadora/Estudante): Que discussão maravilhosa, não é mesmo? Ficou claro que a relação entre os humanos e a inteligência artificial é complexa, mas também cheia de potencial. Num é isso, LIA?                  (Apresentadora - IA LIA) Sim. Isso mesmo! A escrita pode ser vista como uma expressão da mente humana, mas trabalhando com inteligência artificial pode produzir resultados surpreendentes.                  (Apresentadora/Estudante) A verdade é que essa discussão aqui seria longa se deixássemos rolar, LIA. E outra verdade é que temos muito a aprender com a interação entre as duas inteligências: humana e artificial. E, quando levamos essa interação para sala de aula, aí que vemos diversas opiniões divergentes mas também diversas possibilidades de aprendizados.</p>
--	--

Fonte: elaboração própria

No lado esquerdo do Quadro 4, vemos a proposta do *ChatGPT* para fechamento do episódio. A tese de que a IA pode colaborar com a IH e “gerar resultados surpreendentes” é acatada pelas apresentadoras. Apesar desse alinhamento, na versão

reescrita, não consta apenas o revozeamento da IA. As estudantes inseriram marcas de avaliação do processo (“Que discussão maravilhosa”), ratificaram o raciocínio empreendido no decorrer do episódio colocando em destaque a tese que sai “vencedora” da contenda (“Ficou claro que a relação entre os humanos e a inteligência artificial é complexa, mas também cheia de potencial”) e dividiram a responsabilidade dessa ratificação entre a apresentadora humana e a apresentadora LIA. Porém, a última palavra é o acréscimo da IH: “[...] temos muito a aprender com a interação entre as duas inteligências: humana e artificial”.

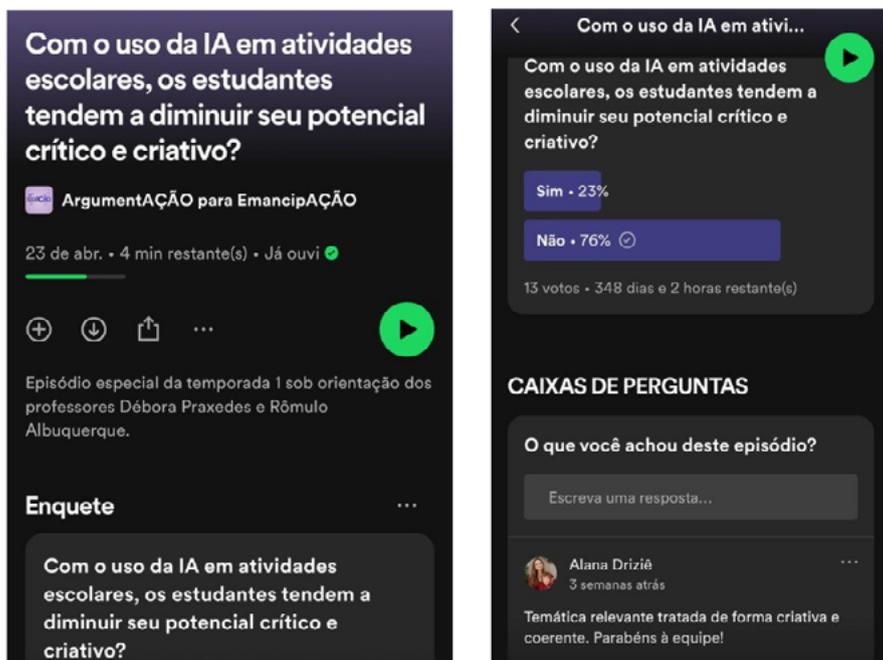
Finalizado o roteiro, para a etapa das gravações, foi utilizada a IA *Narakeet* para a produção das vozes artificiais (LIA e MarIA) e o *Spotify for Podcasters* para criação, edição e compartilhamento do episódio de *podcast*. A principal funcionalidade da plataforma *Narakeet* é a transformação de texto escrito em texto oral, possibilitando a criação da versão oralizada das falas do roteiro. Esse arranjo resultou em uma dinâmica interativa para o episódio, combinando vozes humanas e artificiais para criar uma experiência auditiva envolvente e informativa.

O uso do *Narakeet* favorece a ativação da habilidade de produzir textos orais com base em textos escritos com o uso de IA – outra habilidade que poderia ser acrescida à CG5 na BNCC. Somado a isso, destacamos o desenvolvimento da Competência Geral 2 (CG2) – Pensamento científico, crítico e criativo –, uma vez que as autoras demonstram a importância da metalinguagem para argumentar a favor do uso da IA usando a IA, ao adicionarem, no roteiro, a IA como participante e, na gravação, suas vozes artificiais com vistas a compor a unidade do episódio de *podcast* em análise.

No último procedimento do nosso recorte (edição e compartilhamento do *podcast*), também usamos o *Spotify for Podcasters* para inserir o episódio em análise no canal ArgumentAÇÃO para

emancipAÇÃO<sup>12</sup>. Esse compartilhamento, conforme consta na Figura 1, favorece a visibilidade do produto desenvolvido pelas quatro estudantes, e isso remete à possibilidade de expandir a interação, uma vez que, pelo *Spotify*, outras pessoas podem ouvir o episódio, responder à enquete associada a ele e, por fim, encaminhar comentários sobre o que ouviram.

Figura 1 – Página do podcast ArgumentAÇÃO para emancipAÇÃO



Fonte: elaboração própria

12 Link de acesso ao episódio especial “Com o uso da IA em atividades escolares, os estudantes tendem a diminuir seu potencial crítico e criativo?” no canal ArgumentAÇÃO para EmancipAÇÃO no Spotify: <<https://open.spotify.com/episode/4mzNwoPQq7ENpUmTqkqRnM?si=2KHtB3UITAOzVfhy4vHP5Q>>. Acesso em 15/06/2024.

A publicação do episódio desenvolvido no *Spotify* leva à ressignificação da prática argumentativa, que deixa de focalizar o contexto habitual de sala de aula para concretizar junto às estudantes a vivência de uma prática transformada, em que elas são alçadas à categoria de autoras. No *Spotify*, reconhecida rede de interação e *streaming* de música, *podcast* e vídeo, as quatro estudantes oferecem uma comprovação de que a argumentação pode desenvolver-se como uma prática situada com base em um assunto em questão. Por meio dessa rede, os ouvintes podem interagir com as autoras do episódio em uma enquete nele disponibilizada e ainda podem deixar um comentário no próprio espaço, além de curtir e seguir o canal. Esses comentários podem ser respondidos pelas próprias estudantes, o que amplia (e muito!) a interação.

## Considerações finais

Os dados analisados mostram que, durante a construção do episódio de *podcast* intitulado “Com o uso da IA em atividades escolares, os estudantes tendem a diminuir seu potencial crítico e criativo?”, o trabalho com diferentes artefatos multimidiáticos (*ChatGPT*, *Narakeet e Spotify for Podcasters*) impulsionou a criatividade das quatro estudantes-autoras e promoveu *insights* para diversas práticas de *designing*. Disso resultaram produtos (*redesigned*) – roteiro, gravação, episódio de *podcast* – cujo potencial tende a ressignificar práticas escolares, ampliando horizontes e levando-as para além dos muros da escola por meio do mundo digital.

De fato, as quatro estudantes sinalizam a apropriação de multiletramentos, ao ativarem habilidades relacionadas com a CG5 (Cultura Digital) e com a CG7 (Argumentação), e fazem isso em meio a um processo autoral em que usam a IA de forma crítica e criativa, o que remete à CG2 (Pensamento científico, crítico e criativo). Com isso, demonstram que o receio de “sobreposição” e/ou de “subserviência” da IH diante da ampliação dos usos da IA, sobretudo na esfera escolar,

pode não existir a depender das forma como os/as estudantes utilizam esse recurso que, de fato, é muito interessante.

No episódio de *podcast* analisado, há argumentos plausíveis que sustentam o debate, mas o que se sobressai é a estratégia de as estudantes fazerem uso da IA tanto para a produção do texto escrito quanto para a do oral, com vistas a dar concretude a essa colaboração. Com base nos *insights* oferecidos pela IA que as estudantes trabalham, explicitando a interação entre IH e IA, acrescentando expressões avaliativas do processo, completando argumentos, buscando outros, ou seja, as estudantes conduzem todo o processo.

Interessante destacar também que o engajamento dessas autoras se deu em virtude da percepção de que estavam produzindo textos “autênticos”, ou seja, textos que, de fato, circulam socialmente, pois não são restritos à avaliação do professor nem à consequente atribuição de uma nota ao produto final. As autoras não estavam preocupadas se estavam sendo avaliadas para atingir um objetivo por meio de um valor somativo, mas se mantinham atentas ao processo criativo e crítico advindo da IH com a colaboração da IA. Pensamos que esse é um exemplo concreto de aprendizagem significativa.

Usando as palavras das autoras (trecho 10min-10min15s): “[...] discutimos sobre as duas inteligências: artificial e humana, e usamos ambas para produzir esse episódio”, defendemos que a IA pode ser uma forte aliada para produzir textos multimodais, para viabilizar inovações educacionais e, portanto, para aumentar o potencial crítico e criativo de estudantes, professores e outros agentes que interagirem nessa grande aventura que é (e sempre será) ensinar e aprender.

## REFERÊNCIAS

AFONSO, Ana Paula. *Comunidades e Aprendizagem: um modelo para gestão da aprendizagem*, Atas da IIª Conferência Internacional - TIC na Educação Challenges 2001, p. 427-432. Centro de Competência Nónio Séc. XXI Universidade do Minho, 2001.

ARAÚJO, Júlio César Dantas de; AZEVEDO, Glícia; MORAIS, Débora Praxedes. Multiletramentos no ensino de argumentação emancipadora. *Linha D'Água*, São Paulo, v. 36, n. 3, p. 91-105, 2023. DOI: 10.11606/issn.2236-4242.v36i3p91-105. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/linhadagua/article/view/211413>. Acesso em: 14 jun. 2024.

AZEVEDO, Isabel Cristina Michelan de; SANTOS, Maristela Félix dos; CALHAU, Soade Pereira Jorge; LEAL, Vanessa Carvalho; PIRIS, Eduardo Lopes. *Dez questões para o ensino de argumentação na Educação Básica: fundamentos teórico-práticos*. Campinas: Pontes Editores, 2023.

AZEVEDO, Isabel Cristina Michelan de; TINOCO, Glícia Azevedo. Letramento e argumentação no ensino de língua portuguesa. *Entrepalavras*, Fortaleza, v. 9, n. 1, p. 18-35, jan-abr/2019.

AZEVEDO, Isabel Cristina Michelan; PIRIS, Eduardo Lopes. Pedagogia da esperança e argumentação emancipadora. In: REICHMANN, Carla Lynn; MEDRADO, Betânia Passos; COSTA, Walison Paulino de Araújo. (orgs.). *Nas fronteiras e margens: desenvolvimento de professores de línguas como território de esperanças*. Campinas: Pontes, 2023.

BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular: educação é a base*. Brasília, DF: MEC, 2018. Disponível em: [http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC\\_EI\\_EF\\_110518\\_versaofinal\\_site.pdf](http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf) Acesso em: 07 jun. 2023.

COM O USO da IA em atividades escolares, os estudantes tendem a diminuir seu potencial crítico e criativo? Entrevistadas: Júlia, MarIA, Ana Praxedes e Lívia Gurgel. Entrevistadoras: Cecília e LIA. [S. l.]: ArgumentAÇÃO para EmancipAÇÃO, 23 abr. 2024. Podcast. Disponível em: [https://open.spotify.com/episode/4mzNwoP-Qq7ENpUmTqkqRnM?si=IQGoP\\_fnQOKwZL2uiRaFzA&nd=1&dl-si=f0d7304653cd419f](https://open.spotify.com/episode/4mzNwoP-Qq7ENpUmTqkqRnM?si=IQGoP_fnQOKwZL2uiRaFzA&nd=1&dl-si=f0d7304653cd419f). Acesso em: 13 out. 2024.

COPE, Bill; KALANTZIS, Mary. A multiliteracies pedagogy: a pedagogical supplement. In: COPE, Bill; KALANTZIS, Mary (orgs.). *Multiliteracies: literacy learning and design of social futures*. Local: Routledge: 2000.

GRÁCIO, Rui. *Ensina a argumentar ou convidar ao confronto com a incerteza: seguido de seis questões sobre o ensino de argumentação*. Grácio Editor: Coimbra, Portugal, 2022.

MCCARTHY, John; MINSKY, Marvin; ROCHESTER, Nathan; SHANNON, Claude. *Uma Proposta para o Projeto de Pesquisa de Verão de Dartmouth sobre Inteligência Artificial*. Internet Archive Wayback Machine. 1955. Disponível em: <https://web.archive.org/web/20070826230310/http://www-formal.stanford.edu/jmc/history/dartmouth/dartmouth.html> Acesso em: 22 jun. 2024.

MOITA LOPES, Luiz Paulo. A transdisciplinaridade é possível em Linguística Aplicada? In: SIGNORINI, Inês; CAVALCANTI, Marilda do Couto (org.). *Linguística aplicada e transdisciplinaridade: questões e perspectivas*. Campinas: Mercado de Letras, 2004. p. 113-128. OCHS, M. Educação midiática e inteligência artificial: fundamentos. 1. ed. São Paulo: Instituto Palavra Aberta, 2024.

OCHS, Mariana. *Educação midiática e inteligência artificial: fundamentos*. São Paulo: Instituto Palavra Aberta, 2024.

OLIVEIRA, Maria Bernadete Fernandes de; SZUNDY, Paula Tatiane Carrera. Práticas de multiletramentos na escola: por uma educação responsiva à contemporaneidade. Bakhtiniana. *Revista de Estudos do Discurso*, [S. l.], v. 9, n. 2, p. Port. 184–205 / Eng. 191, 2014. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/bakhtiniana/article/view/19345>. Acesso em: 8 ago. 2024.

PINHEIRO, Petrilson A. Sobre o Manifesto “A Pedagogy of Multiliteracies: designing social futures” – 20 anos depois. *Trabalhos em Linguística Aplicada*, v. 55, n. 2, p. 525–530, 2016.

SANTOS-MARQUES, Ivoneide; KLEIMAN, Angela. Projetos, oficinas e práticas de letramento: leitura e ação social. *Revista Com Sertões*, Juazeiro, v.7, n.1, jul.-dez. 2019, p. 16-34.

SIGNORINI, Inês. Algorithmic power and scientific knowledge. *Language, Culture and Society*, v. 5, n. 2, p. 231–245, 2023.

Disponível em: <https://www.jbe-platform.com/content/journals/10.1075/lcs.00044.sig> Acesso em: 02 jul. 2024.

SILVA, Francisco Geoci da. *Desinformação tem tratamento: leitura crítica contra a pandemia de Fake News e pós-verdade*. 2023. 217f. Tese (doutorado). Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem. Natal, RN, 2023.

TURING, Alan. Computing Machinery and Intelligence. *Mind*, v. 59, n. 236, p. 433–460, 1 out. 1950. Disponível em: <https://academic.oup.com/mind/article/LIX/236/433/986238> Acesso em: 30 jun. 2024.

**PODCAST EPISODE PRODUCTION WITH THE USE OF ARTIFICIAL INTELLIGENCE VIA MULTILITERACIES WORKSHOP**

**ABSTRACT:** Contemporary technological advances have transformed social practices in different spheres of human activity. Thus, digital culture, boosted by the popularization of the internet, also requires the reinvention of school practices, and this can be made possible by mobilizing multiliteracy practices, including the use of Artificial Intelligence (AI). Based on this assumption, this article aims to analyze the process of producing a podcast episode using AI via a multiliteracies workshop. This production was based on an echoed question in the media and some classrooms: “with the use of AI in school activities, do students tend to diminish their critical and creative potential?”. An exploratory, qualitative, and interpretative study of a selection of data from a doctoral research project (under development) was carried out to answer this question. It is theoretically and methodologically based on Applied Linguistics, sociocultural literacy studies, Multiliteracies Pedagogy, and the teaching of argumentation as an emancipatory social practice. The results show that, in the process of producing this episode, the student-authors appropriated multiliteracy skills related to digital culture and argumentation and critically and creatively used AI to prove that human intelligence is superior to it. It follows that, contrary to common sense, AI can be configured as a relevant multimedia artifact for the development of school practices that are more in line with what is experienced beyond school.

**Keywords:** Podcast. Artificial Intelligence. Multiliteracies workshop. Argumentation.